



PODER

Eleições americanas causam tensão no Brasil

Governo Lula avalia que uma eventual vitória de Donald Trump contra Kamala Harris representaria a volta de políticas protecionistas, aumento da incerteza no cenário econômico internacional e, internamente, fortalecimento do bolsonarismo

» VICTOR CORREIA

As eleições presidenciais de hoje nos Estados Unidos põem em dúvida a relação entre os governos brasileiro e americano nos próximos anos. O ex-presidente republicano Donald Trump concorre com a atual vice-presidente democrata Kamala Harris. As pesquisas mais recentes mostram os dois empatados, portanto, não há um vencedor claro para a disputa. O cenário causa apreensão no entorno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Uma eventual vitória de Trump representaria o retorno de políticas protecionistas, como as adotadas em seu primeiro mandato; aumento da incerteza no cenário econômico internacional; e, internamente, o fortalecimento do bolsonarismo.

Lula é crítico de Trump, a quem chamou de "mentiroso" durante a campanha eleitoral. O petista declarou sua preferência, primeiro, pelo presidente Joe Biden, que desistiu da reeleição, e, depois, pela atual candidata democrata. "Acho que Kamala ganhando as eleições é muito mais seguro para a gente fortalecer a democracia. É muito mais seguro", frisou o presidente, na sexta-feira passada, em entrevista ao canal francês TF1. "Nós vimos o que foi o presidente Trump no final de seu mandato fazendo aquele ataque ao Capitólio, uma coisa que era impensável acontecer nos Estados Unidos. Porque os Estados Unidos se apresentavam ao mundo como um modelo de democracia, e esse modelo ruíu. Agora, temos o ódio destilado todo santo dia", acrescentou.

A expectativa no governo é de que Lula reconheça publicamente o resultado das eleições americanas e cumprimente o vencedor, seja Trump, seja Kamala. No caso de Trump, porém, pode decidir se ater a uma nota protocolar, em vez de um telefonema. Ele não deve repetir a atitude do ex-presidente Jair Bolsonaro, que demorou 38 dias para cumprimentar Joe Biden pela vitória em 2020. Bolsonaro passou um ano e meio tentando organizar

Sergio Lima/AFP



A maior preocupação da gestão do presidente Lula com uma vitória de Trump é o provável fortalecimento da extrema-direita brasileira

Cenário indefinido

A eleição nos Estados Unidos vai escolher quem será o 47º comandante do país. O cenário está indefinido, com as principais pesquisas de intenção de voto divergindo sobre qual candidato está na liderança.

um encontro com o presidente americano e conseguiu apenas em junho de 2022.

A maior preocupação do Planalto com uma vitória de Trump é o provável fortalecimento da extrema-direita brasileira, dada a proximidade entre os bolsonaristas e os aliados de Trump. O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), por exemplo, está nos Estados Unidos para acompanhar a votação. Uma vitória do republicano em um cenário polarizado, semelhante ao visto no Brasil, pode

abrir caminho para que Bolsonaro consiga ao menos eleger seu sucessor. No melhor dos casos, pode aumentar a pressão por uma anistia a si mesmo e aos presos pelos ataques golpistas de 8 de janeiro.

Caso Trump vença, outro empecilho do governo brasileiro que pode se agravar é com o bilionário Elon Musk, dono de empresas como X, Tesla, SpaceX e Starlink. O empresário é um dos aliados mais próximos do republicano, que considera colocá-lo em um cargo num novo eventual governo. Em uma entrevista, Trump mencionou Musk como um futuro "ministro do corte de gastos".

O bilionário também liderou uma série de críticas ao Supremo Tribunal Federal (STF) e, especificamente, ao ministro Alexandre de Moraes, após se recusar a cumprir ordens da Corte para suspender contas de bolsonaristas no X por disseminação de informações falsas e conteúdos antidemocráticos.

Análise

O professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB) Roberto Goulart Menezes avalia que uma possível vitória de Trump preocupa o governo por dois motivos: a volta das políticas protecionistas que adotou em seu primeiro mandato, prejudicando o comércio com o Brasil; e o fortalecimento da extrema-direita no país e na América Latina. "Já com Kamala, o Brasil vê o desafio, sobretudo, de manter o diálogo de alto nível e, quem sabe, os Estados Unidos refaçam o mecanismo de interlocução. A Cúpula das Américas, depois de 30 anos, está muito desgastada e debilitada", disse Menezes.

O especialista também apontou que Lula deixou a prudência de lado ao declarar apoio a Kamala Harris na semana passada, mas acredita que a decisão

foi tomada pelo fato de Trump ser da extrema-direita, e não de uma direita convencional como foi, por exemplo, com a reeleição de George W. Bush em 2004.

"Ele não só declarou sua preferência pela candidata democrata como fez considerações sobre seu oponente, falando da ameaça à democracia dos EUA e da América Latina que representa o Trump, e mencionou o nazismo e o fascismo", comentou o professor. "O presidente Lula decidiu, dada a declaração dele, não adotar essa prudência porque está bem claro que são dois projetos políticos muito diferentes", acrescentou.

Já o coordenador de Análise Política da consultoria BMJ, Lucas Fernandes, afirmou que o Brasil vai manter uma relação pragmática e sua posição de país aliado dos Estados Unidos independentemente de quem for o próximo presidente. O grande



Você teria uma figura muito importante na Presidência dos Estados Unidos muito provavelmente fazendo declarações pró-Bolsonaro. Isso fortalece discursos um pouco mais extremistas, antidemocráticos. Seja o Bolsonaro candidato, seja um aliado próximo"

Lucas Fernandes, coordenador de Análise Política da consultoria BMJ

desafio será a política econômica, em certo grau isolacionista, que Trump anuncia em sua campanha. O republicano prometeu taxar fortemente os bens importados e deportar milhões de trabalhadores imigrantes, um pacote de medidas que pode levar a maior inflação, juros mais elevados e um dólar mais valorizado em relação ao real. Esse cenário pode prejudicar a balança comercial brasileira.

Ele também avaliou que uma vitória do republicano pode ter efeitos na política interna brasileira. "Para Lula, seria pior do ponto de vista doméstico, visando à disputa de 2026. Os dois (Trump e Bolsonaro) respondem pelo mesmo crime. Caso veja o processo com Bolsonaro avançando, você teria uma figura muito importante na Presidência dos Estados Unidos muito provavelmente fazendo declarações pró-Bolsonaro", destacou o analista. "Sem sombra de dúvida, isso fortalece discursos um pouco mais extremistas, antidemocráticos. Seja o Bolsonaro candidato, seja um aliado próximo. Isso poderia fazer um coro muito maior."

Políticos do país repetem a polarização dos EUA

A eleição presidencial dos Estados Unidos disputada entre o ex-presidente Donald Trump e a vice-presidente Kamala Harris ultrapassa a fronteira americana e repercute entre políticos brasileiros. Aliados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) assumem um lado na rivalidade entre os dois grandes partidos americanos, o Democrata e o Republicano, replicando a polarização nacional.

Os apoios vão ao encontro das manifestações de Lula e Bolsonaro. Enquanto o petista declarou apoio a Kamala, Bolsonaro enviou votos de vitória para Trump.

Em vídeo compartilhado em suas redes sociais, no domingo, Bolsonaro disse: "Em cena, o maior líder conservador da atualidade, Donald Trump. Em seu governo, os Estados Unidos projetavam poder. Não tivemos guerras. A paz se fez presente em todo o globo. Hoje, vemos guerras,

a volta do terrorismo e a censura aprisionando a todos. A volta de Trump é certeza de um mundo melhor, sem guerras, terrorismo, e o retorno da liberdade em toda a sua plenitude", declarou.

O apoio de Bolsonaro a Trump não é novidade. O líder do PL empregou no Brasil uma série de estratégias que levaram o republicano à Casa Branca, incluindo os ataques e as ameaças a opositores, a criação de redes para disseminar informações falsas e o questionamento do resultado eleitoral.

Os dois também são acusados de organizar ou incentivar os ataques violentos ao Capitólio, em 2021, e às sedes dos Três Poderes, em 2023, respectivamente. Grande parte da semelhança se dá pela proximidade de Bolsonaro e seu entorno com Steve Bannon, estrategista da extrema-direita americana e da campanha de Trump. Banno estava preso

até semana passada, por quatro meses, suspeito de obstruir investigação parlamentar sobre o ataque ao Capitólio.

Aliados de Bolsonaro avaliam que a vitória de Trump pode fortalecer o pleito por anistia aos envolvidos nos ataques golpistas de 8 de janeiro, incluindo ao próprio ex-presidente. Também pode reforçar a articulação internacional da extrema-direita.

A deputada federal Júlia Zanatta (PL-SC) compartilhou o vídeo gravado por Bolsonaro em apoio a Trump, acrescentando na legenda o slogan "MAGA", acrônimo de "Make America Great Again", um dos lemas trumpistas.

Musk e Soros

O perfil no X (antigo Twitter) do deputado federal Osmar Terra (MDB-RS), ex-ministro da Cidadania de Bolsonaro, replicou publicações em favor de Trump. O teor

Reprodução



Bolsonaro gravou vídeo em apoio a Trump e usou boné da campanha do republicano

contundentes contra o republicano. Em 20 de outubro, o ex-presidente visitou uma unidade do McDonald's durante uma agenda de campanha. A deputada Gleisi Hoffmann (PT-PR), presidente nacional do PT, repercutiu o fato afirmando que o republicano era "mestre em fake news". "Tudo falso, da cor do cabelo ao uniforme de trabalho. Vergonha alheia", disse.

A deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ) se manifestou sobre o tema em uma publicação já apagada de seu perfil no X. Na postagem, após a desistência de Joe Biden em concorrer à reeleição, a parlamentar comparou Trump a Bolsonaro e fez um apelo pela "união das forças democráticas". Ela disse que o republicano "é a representação do ódio e do fascismo, assim como Bolsonaro no Brasil". (AE e VC)

» LEIA MAIS sobre as eleições americanas na página 7

dos conteúdos também é crítico a Kamala Harris. Uma das postagens replicadas pelo ex-ministro é elogiosa ao apoio do bilionário Elon Musk à campanha de Trump, comparando o apoio do empresário ao ex-presidente com o de George Soros a Kamala Harris. Soros é

um bilionário húngaro alvo de críticas, por parte de conservadores, pelo apoio a pautas progressistas.

Entre os governistas, a defesa de Kamala é justificada como uma forma de conter a "ameaça à democracia" representada por Trump. Há manifestações